

ESP. - 14/02/04

VISUAIS

# Brasil reduz presença em feira espanhola

Christophe Simon/AFP

Cai pela metade o número de galerias nacionais na Arco, que este ano homenageia a Grécia

CAMILA MOLINA

**M**ADRI – Imagine uma estátua de Apolo, mas que representa o Deus grego deitado, de um modo bem relaxado, em uma poltrona. Ele está de bermuda e camiseta regata e, em meio a almofadas, dorme. Essa obra do artista Angelos Papadimitriou incita uma idéia: como fazer arte contemporânea na Grécia, um país tão marcado por um legado cultural secular? Impossível não pensar primeiro em sua arte clássica, de construções e colunas de pedras que resistem há séculos, em suas esculturas perfeitas, deuses, filósofos e mitos.

Mas, mesmo assim, uma dinâmica e contemporânea produção se faz presente e lança mão de várias mídias, linguagens e temas – refugiados, o feminino, o terrorismo, fotos de paisagens, performances, vídeos, entre tantos outros. É o que se pode ver na Arco, feira de arte espanhola, que se estende até segunda, em Madri.

Em sua 23.ª edição, a feira internacional tem como país convidado a Grécia e, desse modo, além da forte representação na própria Arco (com curadoria de Katerina Griegos e Sania Papa), Madri também abriga outras exposições em torno desse país, como a interessante *Breakthrough!*, na Concejería de Cultura y Deportes.

Uma excelente oportunidade para se ver o panorama atual grego. E



Os gêmeos espanhóis Manuel e Miguel Rosado montando seu trabalho

ao lado da produção de vários outros países. Participam da Arco 275 galerias de todo o mundo. A maioria é espanhola, com 94. A Grécia, convidada, está representada por 15 galerias, e o Brasil se faz presente com cinco (Dan Galeria, Valu Oria, Luisa Strina, Nara Roesler e Fortes Vilaça), todas de São Paulo.

Caiu pela metade a participação brasileira em relação aos últimos dois anos. Rosina Gómez-Baeza, diretora da Arco, não soube explicar o porquê dessa situação. “O mercado brasileiro pode estar em baixa”, disse. Mas como afirmou a galerista Nara Roesler, é o “sinal da concorrência com a Feira de Miami-Basel”, que ocorreu em dezembro nos EUA.

Muitas galerias preferiram a feira realizada em Miami. Pode ter sido uma questão de estratégia ou de dinheiro. É menos caro, ou disseram as galeristas Luisa Strina e Valu Oria, participar da Arco do que da Fei-

ra de Basel, realizada na Suíça. Mas, mesmo assim, gasta-se uma fortuna para exibir a arte brasileira na Espanha. “O euro está cerca de 30% acima do dólar”, diz Alessandra Vilaça, da Fortes Vilaça. O transporte das obras, os custos da própria Arco, os problemas na alfândega, além da “burocracia brasileira, insuportável”, como afirma Luisa Strina. Tudo isso, somado à falta de subsídios para levar a arte brasileira para o exterior, pode gerar um custo que varia entre US\$ 20 mil e € 40 mil.

Mesmo assim, a arte brasileira está sendo divulgada. Com mais peso, a produção contemporânea. A Fortes Vilaça apresenta obras de Vik Muniz, Ernesto Neto e Rosângela Rennó, entre outros; Luisa Strina mostra Marepe, Cildo Meireles, Leonilson, Antonio Dias e Keila Alaver, por exemplo; Nara Roesler exhibe uma seleção ampla que inclui Amélia Toledo (com peças antigas), Cristina Canale, Niura Bellavinha, Artur Lescher, Palatnik e Laura Vinci; Valu Oria expõe em seu estande trabalhos pequenos e delicados de artistas como Claudio Mubarrac, Cristina Rogozinski e Marta Strambi.

A Dan Galeria é a única que se preocupa em mostrar arte moderna brasileira ao lado da contemporânea. Há uma bela obra de Anita Malfatti, *No Balcão*, de 1928. Há também Di Cavalcanti, Lasar Segall, Cícero Dias e Tarsila do Amaral (obras dos últimos dois artistas foram vendidas no ano passado por essa galeria para o Museu Reina Sofia, em Madri), e aquarelas de Ismael Nery. Mas há também no estande obras de brasileiros e latino-americanos, como Lygia Clark, Sacilotto, Carlos Fajardo e Jesús Soto e Marco Maggi.

Além da menor presença de galerias, os brasileiros também não foram selecionados este ano para projetos curatoriais da Arco, estando ausentes de segmentos como Art Unknown e Project Rooms. Estão apenas no programa Up and Coming. A curadora Lisette Lagnado, que integrou o grupo de curadores dessa sessão, selecionou Cao Guimarães, Marcos Chaves, Brígida Baltar, Janaina Tschäpe e Tiago Carneiro da Cunha.

**Inovações** – Em 2003, a Arco foi visitada por 199 mil pessoas (e o preço da entrada já era de € 23, como hoje). Conquistou a posição de feira de arte mais visitada no mundo. Agora, nesta edição, ela apresenta novos projetos. Até o dia 22, o evento promove o *Madrid Abierto*, primeira iniciativa de arte pública realizada pela feira. Com curadoria de Jorge Díez, artistas fizeram intervenções em vários pontos da capital espanhola. A Arco também realizou parceria com o evento The Armory Show, que ocorre em Nova York. Será em março no Museu de Arte Moderna (MoMA). A Arco organizará uma série de debates durante o evento e em seguida começa a preparar a próxima edição de 2005 em Madri, que terá o México como país convidado.

■ A repórter viajou a convite da Arco

**E**VENTO É O  
MAIS POPULAR  
DO GÊNERO  
NO MUNDO